



Universidade de Brasília
Instituto de Relações Internacionais
Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais
XXI Curso de Especialização em Relações Internacionais

**Os Debates do Partido Democrata para as Prévias das Eleições de
2020 e o seu Aparente Compromisso com os Objetivos da
Agenda 2030**

Jacqueline Quirido Magalhães Gomes

**Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção
do título de Especialista em Relações Internacionais**

Orientador: Professor Pio Penna Filho

**Brasília
2020**

Resumo

Esse artigo associa os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e suas metas ao que foi discutido nos quatro primeiros debates de 2020, que aconteceram entre janeiro e fevereiro do mesmo ano, do Partido Democrata para as eleições americanas de 2020. Esse trabalho não analisa no sentido mais estrito da palavra, mas tenta identificar uma tendência ao comprometimento de um possível Presidente democrata com os ODS, o que representaria uma mudança da política externa americana. Parece haver um consenso mínimo entre os pré-candidatos em relação aos temas discutidos, mesmo que discordem em como e quando os problemas identificados na Agenda 2030 devem ser resolvidos.

Palavras-chave: Agenda 2030, Estados Unidos, Eleições 2020

Abstract

This article associates the Sustainable Development Goals and their targets to what was discussed in the first four democratic debates of 2020, which took place between January and February of the same year, for the 2020 elections. This text does not analyze in the strict meaning of the word, but tries to identify a tendency of a possible democratic president to commit to the SDGs, what would represent a change in the American foreign policy. There seems to be a minimum consensus among the pre-candidates to the themes discussed, even if they disagree on how and when the issues shown in the 2030 agenda should be tackled.

Keywords: 2030 agenda, United States, 2020 elections

1 Introdução

Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) com 169 metas associadas a eles são uns dos temas mais discutidos na política internacional contemporânea. Apesar de ser claramente amparada pelo conceito de governança global e responsabilizar a sociedade civil e o setor privado para além dos Estados, a Agenda 2030 depende do engajamento destes, principalmente os desenvolvidos, para atingir seus objetivos e formar uma parceria global para o desenvolvimento sustentável. Os ODS então deveriam orientar as decisões tomadas, seja em nível nacional ou global, por chefes de Estado e Governo nos próximos 10 anos.

A Constituição dos Estados Unidos, em um sistema de *checks and balances*, atribui muitas responsabilidades da política externa ao Congresso Nacional Americano. O presidente depende do Congresso para incorporar tratados e para declarar guerra. Os congressistas controlam os gastos e aprovam contas, e também podem fazer investigações, criar, eliminar e reestruturar agências, por exemplo. Ao longo dos últimos anos, porém, o presidente parece ter acumulado poder, principalmente desde os ataques de 11 de setembro, seja por lacunas deixadas pela Constituição ou pela própria timidez dos outros representantes. A Suprema Corte pode interferir muito pouco em assuntos de política externa e só pode agir em casos muito específicos. O presidente não precisa do Congresso para sair de tratados, é o único que pode reconhecer um outro Estado como tal e como legítimo, é também responsável pela democracia, coercitiva ou não, e pela inteligência.

A ordem internacional atual é entendida como unipolar por alguns, como multipolar para outros ou até como uni-multipolar. O fato é que, qualquer que seja o arranjo, os Estados Unidos aparecem como uma grande potência e, se não o mais importante, um dos mais importantes atores globais. Os interesses do negociador-chefe dos Estados Unidos, para além das reverberações domésticas, pode ser parte do problema ou parte da busca de soluções, pode ser fator de equilíbrio ou desequilíbrio do sistema, pode promover ou não o desenvolvimento sustentável e pode ser fator decisivo no sucesso da Agenda 2030.

O presidente americano então tem grande influência na definição da agenda global e no sistema global como um todo. Diferentes presidentes podem resultar em

diferentes estratégias de negociação, em diferentes interesses nacionais e em diferentes aliados, parceiros e inimigos. Em 2020 ocorrerão as próximas eleições americanas, que tradicionalmente tem dois candidatos principais, um do Partido Democrata e um do Partido Republicano. O candidato do Partido Republicano, se nada mudar até lá, será o atual presidente Donald Trump. Do outro lado, o candidato do Partido Democrata será decidido através de uma série de eleições primárias. Uma reeleição representaria muito provavelmente a manutenção da atual política externa americana, mas um presidente democrata poderia representar uma mudança significativa.

A pesquisa foi guiada pela pergunta: qual a posição média dos pré-candidatos do Partido Democrata para as eleições americanas de 2020 em relação à política externa americana, principalmente no que concerne a agenda 2030?

O que esse trabalho tenta fazer então é, com base nos debates do Partido Democrata realizados em 2020, extrair qual a posição deste em relação a Agenda 2030. O que pode representar uma mudança na política externa desse país e no caso de vitória do Partido Democrata talvez indicar uma vontade de mudança da população. O objetivo não é analisar no sentido mais estrito da palavra, mas identificar se há uma tendência ao comprometimento de um possível presidente democrata com os ODS, fazendo uma generalização das posições e propostas do pré-candidatos. Essas constantes podem ser resultado de um consenso doméstico que estabeleceria o interesse de candidatos que desejam ser eleitos e pode representar uma mudança na política externa desse país no caso de vitória do Partido Democrata.

2 Marco teórico e conceitual

2.1 A Agenda 2030

A Agenda 2030 é um plano de ação – com o qual comprometeram-se, em declaração conjunta, Chefes de Governo e Estado e altos representantes – que inclui 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas associadas a eles (vide referência 5.24). Os ODS são integrados e indivisíveis e englobam as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental.

Essa agenda, que entrou em vigor no dia 1º de janeiro de 2016, é uma declaração e como tal não está no rol originário do estatuto de Haia como fonte do

Direito Internacional e não obriga as partes por não se tratar de um tratado internacional propriamente dito. Esse foi o preço pago para se fazer algo tão amplo, ambicioso, abrangente e universal.

O Direito Internacional, porém, é fundamentado no consentimento e espera-se que Estados cumpram suas promessas. São as chamadas *soft-laws* que promoveram e promovem avanços no Direito Internacional Público e a sua aplicação depende de aceitação e não de obrigações judiciais. A pressão formada pela anuência de todos os países membros das Nações Unidas não pode ser subestimada. Além disso, essa Agenda está em conformidade com os direitos e obrigações já existentes e reforça princípios já enraizados. De qualquer maneira, sua implementação depende, dentre outros, da mobilização de recursos financeiros, de um monitoramento eficiente e de uma parceria global.

A declaração não obriga uma quantidade de aportes financeiros específica, mas o financiamento público internacional é essencial, principalmente na ajuda a países mais pobres e vulneráveis. A Assistência Oficial ao Desenvolvimento (AOD) dos Estados Unidos em 2018 foi de 34,3 bilhões de dólares e apesar de ele ser o maior país doador, a sua AOD representou em 2018 apenas 0,17% da Renda Nacional Bruta, ainda abaixo do mínimo esperado (ver referência 5.13). Presidentes diferentes podem propor aumentos ou cortes a assistência internacional, apesar de dependerem da anuência do Congresso americano. Podem também ter diferentes prioridades estratégicas para como essa ajuda é oferecida.

Um ambiente propício no nível nacional é essencial porque a execução da Agenda 2030 tem que ser apoiada por políticas e ações concretas, mas quem define a sua incorporação ao planejamento e as metas a serem alcançadas são os próprios Estados soberanos. São eles que definem as metas nacionais e disponibilizam os dados em qualidade e quantidade necessárias para o monitoramento eficiente da agenda.

A Agenda se tornou possível por respeitar as políticas e prioridades de cada país, mesmo que estes tenham que seguir as regras e os compromissos internacionais já firmados. Por isso, porém, ela depende da ambição da resposta nacional de cada Estado-membro, que pode mudar de acordo com a estratégia e visão de cada líder.

2.2 Liberalismo e Interdependência

Segundo Jatobá (2013), o Liberalismo de modo geral tem como objetivos a paz, a liberdade e a prosperidade. Segundo Burchill (2013), o Liberalismo enfatiza as liberdades individuais, o constitucionalismo, a democracia e as limitações aos poderes do Estado (em tradução livre). A tradição liberal acredita no progresso, na cooperação e em uma visão mais positiva da natureza humana, dando mais ênfase ao indivíduo e em sua racionalidade.

O Liberalismo de Interdependência, apesar de ser uma tendência contemporânea do Liberalismo, não abraça de olhos fechados a sua visão otimista das relações internacionais e nem nega completamente o Realismo. Segundo os que defendem esse posicionamento teórico, como Keohane e Nye (1977), a política mundial está mudando, mas isso não significa que se deve ignorar o papel do Estado, a importância da política de poder e nem concluir simplisticamente que a tendência moderna de uma maior cooperação entre países levará ao fim de todos os conflitos.

A interdependência não é exatamente uma ideia nova, mas ganha força com a crescente cooperação entre atores internacionais. Interdependência significa dependência mútua, de modo simples, o que um faz afeta o outro. Ela pressupõe efeitos recíprocos. Ser interdependente não é só estar interconectado, tem que haver dependência mútua, tem que haver um custo associado. O custo advém, por exemplo, da diminuição da autonomia dos atores, e pode até ser imposto diretamente e intencionalmente por outro ator. Em um estado de interdependência o benefício mútuo não está assegurado e assimetrias são possíveis e podem ser usadas como recurso de poder. O interessante é que a interdependência como um recurso de poder não é exclusivamente utilizada pelos países considerados mais fortes na visão tradicional. O que dita a nova regra desse jogo é quem ganha o que com o que. O poder é convencer o outro a fazer o que ele não quer. De novo, a interdependência não significa o fim do conflito.

A dinâmica de domínio e subordinação, segundo esses teóricos, mudou. O balanço de poder não acontece mais pela simples superioridade bélica, apesar do poder militar ainda ser importante. Existem diferentes fontes de poder e diferentes agentes para diferentes áreas de interesse. A segurança não é o único objetivo dos atores

internacionais. Estes não se resumem mais aos Estados, as sociedades e organizações transnacionais também estabelecem vínculos. O ambiente nacional e o internacional se aproximam. Soluções antigas, apesar de ainda relevantes em casos especiais, se tornam menos úteis na solução de novos conflitos e como recurso político.

Existem três características básicas que ajudam a identificar situações de interdependência complexa. Primeiro, canais múltiplos de conexão entre as sociedades, Estados e organizações transnacionais. Segundo, a falta de hierarquia de temas, não só assuntos de segurança dominam a agenda. Por último, a força militar se torna irrelevante para resolver conflitos entre membros e se utilizada não permitiria aos agentes atingirem todos os seus objetivos, seria custosa e suas consequências incertas – em outras palavras, usar ou ameaçar usar a força pode prejudicar outras alianças que beneficiam os atores diversos.

O próprio texto da Agenda 2030 fala sobre “envolver governos, bem como os parlamentos, o Sistema das Nações Unidas e outras instituições internacionais, autoridades locais, povos indígenas, sociedade civil, os negócios e o setor privado, a comunidade científica e acadêmica – e todas as pessoas”. Ela pressupõe o aprofundamento da interdependência em diferentes planos e só foi possível devido ao advento da cooperação, dos organismos multilaterais (mesmo que em crise atualmente) e dos regimes internacionais.

2.3 Poderes e responsabilidades atribuídos ao Presidente dos Estados Unidos

A Constituição Americana atribui ao Congresso o poder de fazer empréstimos em nome dos Estados Unidos, de regular o comércio com outros Estados e de declarar Guerra. Ela também avoca ao presidente o cargo de Comandante das Forças Armadas e o poder de, com a aprovação do Senado, fazer tratados e nomear embaixadores (é necessária maioria simples para nomeações e dois terços para tratados), sem deixar claro se é necessário o consentimento do Senado para sair de um tratado.

Masters (2017) lembra que o próprio poder de elaborar leis e de aprovar o orçamento permite ao Congresso influenciar na política externa. Além disso, o Congresso pode também criar, eliminar ou reestruturar agências do Executivo. Foi o Congresso que criou a CIA, a agência de inteligência americana. Por outro lado, do

poder de nomear embaixadores decorre implicitamente a autoridade do presidente de reconhecer outros Estados e de conduzir a diplomacia. Do poder de comandante das forças armadas decorre o poder de coletar inteligência. Para além desses, o Congresso concedeu outros poderes, como o de impor sanções econômicas (International Emergency Economic Powers Act). De acordo com o autor, a Constituição intencionalmente atribui poderes ao Executivo, ao Legislativo, aos dois em conjunto ou a nenhum deles e assim o limite da autoridade e o papel de cada Poder são constantes motivos de debate.

Conforme Weissman (2017), impasses políticos impedem que o Congresso tenha um papel mais construtivo na política externa americana. Segundo o autor, a Constituição Americana não divide o papel de cada poder nas relações internacionais como faz com os assuntos domésticos. Isso causa atrito entre o Executivo e o Legislativo, e o Judiciário tem sido relutante em dar clareza a essas questões. Em diferentes períodos históricos o Congresso já foi mais ativo, como por exemplo, quando debateu a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra e quando banuiu a reentrada no EUA no sudeste asiático após a Guerra do Vietnam. Após os anos 90 e principalmente após os atentados de 11 de setembro, porém, ele foi menos ativo em seu papel de fiscalizador do Poder Executivo. Diferentes presidentes, por exemplo, enviaram tropas para o exterior sem o aval do Congresso. A concentração de poderes do executivo deixa suas ações mais céleres do que as de um Congresso mais paralisado devido a discussões internas.

3 Os Debates

Antes da conclusão deste trabalho aconteceram 10 debates do Partido Democrata para as eleições de 2020. São esperados 12 debates no total. Esses debates precederam ou foram concomitantes às eleições primárias que escolherão o candidato do Partido Democrata para as eleições de 2020.

Os 6 primeiros debates aconteceram ainda em 2019. Os dois primeiros dividiram os candidatos em duas noites, 26 e 27 de junho e 30 e 31 de julho, respectivamente. Ambos os debates tinham o limite de 20 candidatos.

Participaram do primeiro: Michael Bennet, Joe Biden, Cory Booker, Stephen Bullock, Pete Buttigieg, Julián Castro, Bill de Blasio, John Delaney, Tulsi Gabbard, Kirsten Gillibrand, Kamala Harris, John Hickenlooper, Jay Islee, Amy Klobuchar, Beto O'Rourke, Timothy Ryan, Bernie Sanders, Elizabeth Warren, Marianne Williamson e Andrew Yang.

Participaram do segundo: Michael Bennet, Joe Biden, Cory Booker, Pete Buttigieg, Julián Castro, Bill de Blasio, John Delaney, Tulsi Gabbard, Kirsten Gillibrand, Kamala Harris, John Hickenlooper, Jay Islee, Amy Klobuchar, Beto O'Rourke, Timothy Ryan, Bernie Sanders, Eric Swawell, Elizabeth Warren, Marianne Williamson e Andrew Yang.

O terceiro debate foi realizado em 12 de setembro e teve a participação de 10 candidatos (Joe Biden, Cory Booker, Pete Buttigieg, Julián Castro, Kamala Harris, Amy Klobuchar, Beto O'Rourke, Bernie Sanders, Elizabeth Warren e Andrew Yang).

O quarto debate foi em 15 de outubro e teve participação recorde de 12 candidatos em uma mesma noite, com a volta de Tulsi Gabbard e com a primeira participação de Thomas Steyer.

O quinto debate aconteceu em 20 de novembro. Participaram deste debate 10 candidatos: Joe Biden, Cory Booker, Pete Buttigieg, Tulsi Gabbard, Kamala Harris, Amy Klobuchar, Bernie Sanders, Thomas Steyer, Elizabeth Warren e Andrew Yang. O último debate de 2019, em 19 de dezembro, contou com 7 candidatos: Joe Biden, Pete Buttigieg, Amy Klobuchar, Bernie Sanders, Thomas Steyer, Elizabeth Warren e Andrew Yang.

De acordo com o New York Times (vide referência 5.5), os temas que ocuparam a maior parte do tempo nos seis primeiros debates foram: assistência médica com 95,4 minutos de discussões, política externa (73,1 min), imigração (57,1 min), economia (50,6 min), direitos civis e questões raciais (47,9 min), controle de armas (44,1 min), estratégia partidária (37,2 min), mudança climática (32,6 min), direitos das mulheres (19 min), educação (18,5 min), desigualdade salarial (16 min), impeachment (12,7 min), controle de tecnologias (11 min), opióides (7,7 min) e a idade dos candidatos (7,3 min).

Para cada debate existem critérios a serem atingidos para que um candidato possa participar. Quem define esses critérios é o Democratic National Committee

(DNC), mas nem sempre candidatos qualificados participam dos debates porque desistiram de suas campanhas. Existe um período pré-fixado para que os critérios sejam atingidos.

Esse trabalho foca nos 4 debates que aconteceram entre 14 de janeiro de 2020 e 25 de fevereiro do mesmo ano (vide referências 5.1, 5.6, 5.7 e 5.26). O período de qualificação para o sétimo debate foi entre 14 de novembro de 2019 e 10 de janeiro de 2020. Para participar, o candidato precisava de 5% ou mais em 4 pesquisas aprovados pelo DNC – ou ao menos 7% em duas pesquisas em Iowa, New Hampshire, Nevada ou South Carolina – e terem recebido doações de 225.000 doadores diferentes, incluindo 1.000 doadores em 20 estados ou territórios diferentes. O debate de 14 de janeiro foi transmitido pela CNN e contou com Elizabeth Warren, Bernie Sanders, Amy Klobuchar, Pete Buttigieg, Joe Biden e Thomas Steyer, na ordem do tempo de fala dos candidatos.

Nas falas finais do debate de 14 de janeiro, Klobuchar lembrou 6 temas: saúde, educação, justiça racial, reformas na política de imigração, mudanças climáticas e armas de fogo. Warren destacou temas que segundo ela não foram discutidos naquela ocasião: pessoas com deficiência, violência por arma de fogo, pobreza, questões de gênero e raciais, mudanças climáticas, saúde mental e dívidas estudantis. Sanders lembrou o que, segundo ele, está errado nos Estados Unidos: desigualdade salarial, pobreza, a falta de um sistema de saúde universal, cuidados com a primeira infância, o sistema imigratório e a justiça criminal. Buttigieg falou em união e soluções menos políticas para os problemas. Biden falou em liderar pelo exemplo e em reganhar o respeito do mundo. O que todos concordam é que o objetivo do partido deve ser derrotar o atual presidente, mas talvez o mais ambicioso seja Steyer que disse querer literalmente salvar o mundo.

Para o debate de 7 de fevereiro da ABC News, da Apple News e da WMUR-TV, os candidatos tiveram entre 13 de dezembro e 6 de fevereiro para atingir os mesmos critérios do debate anterior – como o debate foi posterior à convenção de Iowa, as pesquisas desse estado não mais foram consideradas – ou terem conseguido um delegado em Iowa. Participaram Bernie Sanders, Joe Biden, Pete Buttigieg, Amy Klobuchar, Elizabeth Warren, Thomas Steyer e Andrew Yang, na ordem do tempo de fala dos candidatos.

Novamente, como derrotar o atual presidente veio à tona. Eles falaram sobre a absolvição do Trump no Senado, na necessidade de investigar ou não e o precedente que isso cria. De acordo com Buttigieg, eles têm que ser unidos como um partido; de acordo com Biden, autênticos; de acordo com Klobuchar, otimistas; e de acordo com Steyer, focar na economia. Para Steyer, não basta criticar Donald Trump, é necessária uma nova visão do país. Segundo Yang, Trump é o sintoma de uma doença que vem crescendo e para a qual eles têm que encontrar a cura.

Os assuntos nesse debate foram mais misturados e as perguntas mais espaçadas. Esse foi o primeiro debate após a entrada de Bloomberg na corrida, apesar de não contar com a sua presença. A discussão sobre ele se tornou, porém, uma discussão sobre a fonte de recursos para as campanhas e corrupção.

A partir do debate de 19 de fevereiro não foi mais necessário um certo número de doadores para participar. O período de qualificação foi entre 15 de janeiro e 18 de fevereiro. O candidato precisava de 10% ou mais em 4 pesquisas nacionais aprovadas pelo DNC – ou ao menos 12% em pesquisas de entidades diferentes em Nevada ou South Carolina. Candidatos com delegados na convenção de Iowa ou na primária de New Hampshire também se qualificaram. O debate foi transmitido pela NBC News e pela MSNBC e com uma audiência de 19.7 milhões de telespectadores foi o debate do Partido Democrata mais assistido até então de acordo com a CNN Business. Participaram Elizabeth Warren, Amy Klobuchar, Bernie Sanders, Pete Buttigieg, Joe Biden e Michael Bloomberg, na ordem do tempo de fala dos candidatos.

Esse foi um debate marcado por acusações e ataques pessoais. Sanders disse que para derrotarem o presidente Trump precisariam do maior número de eleitores possível e que precisariam unir as pessoas através de uma agenda que funcionasse para todos. Bloomberg disse não acreditar que Sanders seja capaz de derrotar Trump por causa do seu plano para a saúde. Buttigieg afirmou que se eleição ficasse dividida entre um milionário e um socialista seria péssimo. Warren falou que melhor que substituir um milionário arrogante por outro é trabalhar pela classe trabalhadora. Klobuchar disse que ela era a melhor candidata por estar disposta a dialogar e conversar com pessoas de todo o espectro político. Buttigieg acredita ser a melhor opção por estar entre a revolução e o status quo e por acreditar na ciência.

Bloomberg foi acusado de ter apoiado Bush em 2004 e Klobuchar, por Buttigieg e por uma das moderadoras, de não saber sobre a política do México já que em uma entrevista anterior não havia lembrado o nome do presidente mexicano. Ela se defendeu dizendo que os cartéis mexicanos são uma organização criminosa, mas que não concorda com a ideia, segundo ela defendida por Buttigieg, de classificá-los com um grupo terrorista. Biden disse que ele passou horas na América Latina, que ele se encontrou pessoalmente com presidentes e que as pessoas estão deixando seus países porque não tem nada que as façam ficar. Ele se considera o melhor candidato por ter a maior experiência.

O décimo debate contou com Bernie Sanders, Michael Bloomberg, Amy Klobuchar, Elizabeth Warren, Joe Biden, Pete Buttigieg e Thomas Steyer, na ordem do tempo de fala dos candidatos. O debate foi organizado pela CBS News e pelo Congressional Black Caucus Institute, e transmitido pela CBS e pela BET em 25 de fevereiro. Os critérios de participação foram 10% ou mais em 4 pesquisas nacionais aprovados pelo DNC – ou ao menos 12% em pesquisas de entidades diferentes em South Carolina entre 4 e 24 de fevereiro. Candidatos com delegados em Iowa, New Hampshire ou Nevada também se qualificaram.

Esse foi outro debate marcado por acusações pessoais e críticas aos moderadores. Bloomberg disse que Putin apoiava a eleição de Sanders, Warren acusou Bloomberg de ser um candidato arriscado por seu histórico apoio a republicanos, Steyer disse que um republicano ou um socialista seria um risco para o partido, Biden reclamou de não conseguir falar e ser o único que obedecia ao tempo, Klobuchar disse que eles não deveriam prejudicar o partido e voltar a focar nos assuntos importantes, e o debate foi marcado por aplausos e vaias. Warren e Sanders concordam com uma agenda mais progressista e popular entre os americanos, mas diferem em como executá-la. Bloomberg disse que a dívida externa é grande e que eles não teriam dinheiro para realizarem suas ideias. Todos concordaram que precisariam do apoio do Congresso e vários acusaram o Congresso de ser corrupto e comprado pelas grandes corporações.

Após a conclusão desse trabalho estão previstos mais dois debates. Um em 15 de março e organizado pela CNN, pela Univision e pelo Congressional Hispanic Caucus; e um sem data ou emissora definida.

3.1 Planeta

Segundo Viola (2002), os problemas ambientais globais estão relacionados aos bens públicos globais cujo uso está vinculado a diferentes regimes internacionais, combinações de regras explícitas, da consciência pública e de um vetor tecnológico. O seu enfrentamento exige uma crescente cooperação internacional e ações que podem contrariar interesses individuais dos Estados e alterar a relação entre eles e deles com outros agentes.

As mudanças climáticas trazem riscos para a animais e plantas – algumas espécies vegetais e animais estão expostas a um risco maior de extinção – além de causarem desastres ambientais. Setores da economia mais dependentes de determinadas temperaturas e níveis de precipitação, como a agricultura, a produção de energia e o turismo são particularmente afetados. Já pode-se prever que no futuro, problemas de segurança alimentar e refugiados ambientais, além de problemas de saúde relacionados a essa mudança irão se agravar.

Por tudo isso, a questão do clima perpassa várias metas, de diferentes objetivos, da Agenda 2030. Seguem-se as metas de diversos objetivos que podem ser relacionadas a esse tema e os números oficiais do governo americano para os ODS (U.S. National Statistics for the U.N. Sustainable Development Goals, vide referência 5.28).

O objetivo 11 de modo geral fala da redução do impacto ambiental dos assentamentos urbanos e em suas adaptações às mudanças climáticas. Na quinta meta do objetivo 1 fala-se na preparação para o risco de desastres econômicos, sociais e ambientais. A quinta meta do objetivo 11 trata da redução de mortos e afetados por catástrofes. De acordo com informações oficiais do governo americano, os Estados Unidos estabeleceram desde 2011 estratégias de redução do risco de desastres.

A sétima meta do objetivo 4 fala da educação para o desenvolvimento sustentável. A oitava meta do objetivo 12 fala sobre conscientizar as pessoas e divulgar informações sobre o desenvolvimento sustentável. Os últimos números de 2012 indicam que 66% dos alunos entre 13 e 14 anos daquele ano estudaram em escolas públicas ou privadas que enfatizaram assuntos globais.

Os objetivos 6 e 7 tratam respectivamente do uso da água e de energia. O objetivo 6 em sua quarta meta fala sobre o uso eficiente da água e em sua sexta meta sobre a proteção e a restauração dos ecossistemas relacionados a esse recurso natural. O objetivo 7 em diferentes metas fala sobre o aumento da eficiência energética e a busca por uma matriz energética mais limpa e renovável. Os únicos números disponíveis são sobre o acesso à água potável, sobre a área de produção agrícola irrigada e sobre o consumo de energia por dólar do PIB.

A quarta meta do objetivo 8 fala da necessária separação entre crescimento econômico e degradação ambiental e a quarta meta do objetivo 9 em deixar as indústrias mais sustentáveis. A sexta meta do objetivo 12 é incentivar as empresas não só a serem mais sustentáveis, mas a reportar informações de sustentabilidade. O objetivo 12 traz também como metas o uso eficiente de recursos naturais e a gestão e geração de resíduos. A quarta meta do objetivo 2 fala na produção sustentável de alimentos e na adaptação da produção agrícola às mudanças climáticas.

O objetivo 14 trata dos mares e oceanos, tendo como metas a prevenção e redução da poluição marinha, minimizar impactos, melhorar suas saúdes e conservá-los. Os Estados Unidos foram de 1% a 26% das zonas costeiras e marinhas em áreas de conservação entre 2000 e 2017, estando acima da meta para 2020. O objetivo 15 trata dos ecossistemas terrestres e da mesma forma tem como meta a preservação, a reversão da degradação, a prevenção da perda de biodiversidade e o uso sustentável desses recursos naturais.

Mais especificamente sobre o combate à mudança do clima o objetivo 13 tem como metas as já mencionadas adaptação aos riscos e catástrofes relacionados, a educação e divulgação do tema e o levantamento de recursos, além da necessária integração do tema aos planejamentos estratégicos de cada Estado.

No debate de 14 de janeiro Steyer repetiu ao menos 3 vezes que o clima seria sua prioridade número um caso fosse eleito presidente. Ele falou, assim como Buttigieg, sobre como as consequências das mudanças climáticas afetam diferentes grupos sociais de formas diferentes e falaram em justiça climática, sem explicá-la ou entrar em detalhes. Buttigieg falou também na urgência de se lutar contra as mudanças climáticas, que não são mais teóricas e nem acontecerão em um futuro distante. Ele defende incluir agricultores como parte da solução, não deixar o problema piorar e agir

para adaptar a economia e a população para serem mais resilientes. Ele defendeu também em um projeto nacional para atingir os objetivos para o clima e em voltar para o acordo de Paris.

De acordo com Klobuchar, todos eles querem tornar os Estados Unidos carbono neutro até entre 2045 e 2050, mas ela vê o gás natural como um combustível de transição nesse caminho. Sanders achou 2045 tarde demais e falou que se não fizerem nada, o planeta se tornará inabitável. Sanders também falou que é possível fazer dinheiro salvando o planeta, em suas palavras. Biden concordou em agir rapidamente e na possível criação de empregos. Warren assim como todos reforçou que as mudanças climáticas são uma ameaça a ser combatida.

Em 7 de fevereiro Steyer reforçou que em sua visão a grande ameaça são as mudanças climáticas, ao ser questionado sobre o papel dos Estados Unidos no mundo. Sanders, na mesma discussão, falou que essa é uma questão global e que ao invés de investirem em armas para destruírem uns aos outros, o mundo deveria gastar dinheiro para enfrentar esse inimigo comum a todos.

Neste debate, a questão climática não ganhou tempo de discussão sozinha, mas sempre atrelada a algum outro tema e quando mencionada de novo foi atrelada às discussões sobre o Acordo Estados Unidos-México-Canadá. Sanders falou que não votaria a favor de nenhum acordo que não incluísse o clima. Warren e Klobuchar defenderam seus votos a favor do acordo por o verem como um avanço. Klobuchar disse que o acordo é uma oportunidade para trabalhar com aliados e que as mudanças climáticas deveriam ser incluídas em futuros acordos. Ela disse que os EUA deveriam voltar para o acordo de Paris e em taxar o carbono. Sanders falou também em acabar com os subsídios à indústria de combustíveis fósseis. Steyer falou que a vontade de entrar no mercado americano deveria ser usada para fazer outros Estados terem melhores atitudes sobre o clima e que é necessária uma coalizão de países para se fazer a coisa certa.

Joe Biden falou em 19 de fevereiro que as mudanças climáticas são uma ameaça existencial. Ele apoiou também o uso de energias alternativas, como a energia solar e eólica. Falou na necessidade de armazenamento e transmissão desse tipo de energia e defendeu ampliar as estações para carregamento de carros elétricos nas estradas americanas. Ele propôs também um aumento da malha ferroviária e falou que

é necessário elevar novamente os padrões morais. Bloomberg disse que não é economicamente viável o uso de energia solar para as novas tecnologias, mas falou em fechar todas as usinas de energia movidas a carvão. O ex-prefeito de Nova York falou que deveriam voltar para o Acordo de Paris, que precisariam da China e que não deveriam cortar relações com esse país e sim convencê-lo a trabalharem juntos.

Warren falou na necessidade das energias renováveis, de se preservar as áreas públicas, de parar escavações e a mineração em áreas públicas. Segundo ela, algumas exceções podem ser feitas para minerais essenciais, mas que suas extrações devem ser feitas de maneira sustentável. Ele defende que terras públicas não podem ser usadas para obtenção de lucro. Ela diz acreditar na ciência e que aumentaria o investimento em pesquisas. Além disso, falou que o mercado para produtos sustentáveis será enorme e que eles devem ser inventados e produzidos nos Estados Unidos. Ela disse esperar que esse assunto fosse mais debatido e mencionou também que as minorias seriam mais afetadas pelas consequências do aquecimento global.

Sanders disse que se não agirem com coragem, o dano ao mundo será irreparável. Falou em mudar das energias fósseis para as renováveis e em banir o fraturamento hidráulico (método de extração de combustíveis, como o gás natural, do solo). Ele falou que isso é uma questão moral e que é necessário assumir a responsabilidade. Klobuchar defende o uso de gás natural como um combustível de transição, mas falou em restringir a obtenção de novas permissões para a extração desse combustível. Ele defendeu a volta ao Acordo de Paris, voltar com regras de energia limpa retiradas no governo Trump e em taxar o carbono, desde que o dinheiro volte para a população.

Bloomberg falou em impor regras ao faturamento do solo, em fechar as usinas a carvão e na utilização de energias renováveis. Biden falou em eliminar os subsídios para empresas de petróleo e gás, em punir empresas que não agem de forma correta e em voltar ao Acordo de Paris. Falou também na injustiça climática e na necessidade de investimento em infraestrutura e na criação de empregos. Buttigieg falou novamente em trazer os setores que normalmente são considerados parte do problema para a solução e ele não acredita que tentar convencer a China só com diplomacia vai funcionar.

3.2 Pessoas, Paz e Prosperidade

3.2.1 Imigração

A imigração é um tópico central da política americana e o objetivo 10 da Agenda 2030 fala na gestão e implementação de políticas de migração.

A cada ano o Presidente, com a anuência do Congresso, estabelece o número máximo de refugiados que serão admitidos. Em 2019 foram admitidos 30.000 (43% da República Democrática do Congo) e em 2020 serão permitidos apenas 18.000, o menor número desde que o programa foi criado. Em 2019 os Estados Unidos receberam 84.000 pedidos de asilo, em sua maior parte da Venezuela, e 31% foram aprovados.

Em 2018, mais de 44,7 milhões de imigrantes viviam nos Estados Unidos, em números absolutos, o maior já registrado. Eles representavam 13,7% da população. Em 2018, 44% dos imigrantes eram hispânicos ou latinos, mas a maioria dos latinos e hispânicos (67%) que vivem nos Estados Unidos lá nasceram. No mesmo ano, 32% dos imigrantes tinham nível superior ou pós-graduação, 47% dos imigrantes que entraram no país entre 2013 e 2018 tinham ao menos um diploma universitário. O número de imigrantes ilegais estimado em 2016 era de 11.3 milhões, dois terços dos quais vindos do México e da América Central. 859.501 pessoas foram presas na fronteira em 2019, aproximadamente 76.000 crianças desacompanhadas foram apreendidas na fronteira sul do país. Todos os números são do *Migration Policy Institute* (vide referência 5.2).

É impressionante que esse tema não tenha sido de fato debatido nos 4 primeiros debates de 2020. Warren, Sanders, Biden, Klobuchar e Buttigieg defenderam em algum momento uma reforma no sistema de imigração, mas sem detalharem suas propostas. No terceiro debate de 2020, Klobuchar falou na proteção permanente do *dreamers* (como são chamados os beneficiados do DACA, um dos programas de imigração que oferece proteção a imigrantes que entraram no país ainda crianças) e Buttigieg a acusou de no Senado ter aprovado o nome de um dos homens responsáveis pela separação de famílias na fronteira e em ter aprovado o inglês como língua nacional. Klobuchar se defendeu falando que não apoia a separação das famílias.

3.2.2 Paz

De acordo com reportagem do World Economic Forum, em pesquisa realizada em pesquisa realizada em 2013 (vide referência 5.31), 53% dos americanos acreditavam que os Estados Unidos tinham um papel menos importante como líder mundial em comparação com os 10 anos anteriores, contra 17% que acreditavam que esse papel era maior. De acordo com a reportagem não há uma definição clara do que é a ordem liberal baseada em regras (em tradução liberal) e que essa ordem defendida pelos Estados Unidos significa menos ainda para os americanos que cada vez mais questionam o envolvimento dos Estados Unidos em assuntos mundiais.

Apesar desse envolvimento envolver uma grande quantidade de diferentes ações, os americanos apenas enxergam os empreendimentos militares, que não andam sendo muito bem-sucedidos e tem gastos elevados. O artigo, porém, diz que a maioria dos americanos ainda não podem ser considerados isolacionistas.

De acordo com a fala de um dos jornalistas que mediaram o debate em 14 de janeiro de 2020, os Estados Unidos e o Irã estavam naquele mês à beira de uma guerra. Essa informação levou a uma discussão sobre o papel dos Estados Unidos no mundo. Todos os presentes reconheceram que a guerra no Iraque foi um erro, que a diplomacia é o melhor caminho para a paz e que os Estados Unidos precisam voltar para o acordo nuclear com o Irã. Biden e Klobuchar são contra retirar todas as tropas americanas do Oriente Médio, mas concordam em reduzi-las ao contingente mínimo necessário. Além de defenderem a reaproximação com aliados. Com esse último ponto, Sanders concorda, mas deseja retirar todas as tropas americanas. Ele reforçou também a necessidade de se pedir autorização ao Congresso para o envio de tropas e que os gastos com esforços militares são exorbitantes. Warren também falou em redução de gastos, em retirar as tropas de combate – se isso inclui todos os soldados americanos ou não é uma dúvida, em resolver econômica e diplomaticamente os conflitos que não podem ser resolvidos por vias militares.

Buttigieg falou na apatia do Congresso, que não pode deixar de ser consultado. Ele também falou das novas ameaças à segurança nacional, como cyber segurança, segurança climática e a interferência estrangeira nas eleições. Steyer propõe pressões

econômicas para resolver o impasse com o Irã e que os custos sejam reduzidos. Ele também criticou a falta de estratégia para lidar com conflitos no Oriente Médio.

Em 17 de fevereiro, Buttigieg falou que um presidente precisa das informações de inteligência e precisa prestar atenção na situação da segurança internacional, consultar com aliados e nunca usar o aparato militar se há uma alternativa. Ele disse que sair do acordo nuclear com o Irã foi uma má decisão e que o próximo presidente precisará restabelecer a credibilidade do país. Warren falou novamente que tropas só deveriam ser utilizadas para problemas que exigem soluções militares. Biden reforçou a necessidade de se trabalhar com aliados e disse que o presidente Trump deixou os Estados Unidos sozinhos. Ele também falou que a OTAN corre riscos se Trump continua no poder e o país precisa manter compromissos ou não terá poder. Steyer continuou defendendo que a grande ameaça são as mudanças climáticas e na necessidade de estratégias e aliados.

Ao ser questionado sobre o assassinato de Qasem Soleimani, Sanders falou que existem líderes horríveis por todo o mundo, mas que os Estados Unidos não podem assassinar quem quiserem porque isso abriria a porta para uma anarquia internacional. Ele defendeu reforçar as capacidades diplomáticas do país e em usar o poder e a riqueza do país para fazerem as nações se unirem. Ele falou que o foco deveriam ser o debate e a discussão, e não guerras que gastam dinheiro e vidas.

3.2.3 Comércio Internacional

Segundo documento do Banco Mundial de 2017 (vide referência 5.20), a economia americana é a maior economia individual do mundo e os Estados Unidos são os maiores credores e devedores mundiais. Por isso, choques na economia americana são transmitidos globalmente, o crescimento da economia mundial é maior quando a americana cresce e as quatro grandes recessões mundiais coincidem com recessões nos Estados Unidos. A economia americana é, porém, também muito afetada pelo que acontece no resto do mundo.

Segundo a Agenda 2030, o comércio internacional contribui para o desenvolvimento sustentável e a redução da pobreza. A Agenda promove um comércio com regras e inclusivo, e defende a “liberação significativa” do comércio.

No debate de janeiro, Sanders condenou vários acordos comerciais, que segundo ele forçaram trabalhadores americanos a competir com trabalhadores de outros países. Ele falou também que um acordo para ser aprovado por ele precisa incluir considerações sobre o meio ambiente. Para além de questões ambientais, Biden falou em preparar o trabalhador americano para as novas realidades. Ele também lembrou que 95% dos consumidores, segundo ele, não estão nos Estados Unidos e que são necessárias alianças para fazer as regras do jogo e bloquear a China. Warren também falou dos trabalhadores, da questão ambiental e da necessidade de se negociar melhores acordos. Ela também falou em colocar padrões mínimos para a entrada de produtos no país. Klobuchar falou em uma aliança norte americana para encarar a China e na importância dos aliados. Steyer disse que os acordos econômicos focam nas corporações em não no clima ou nas pessoas. Buttigieg resumiu bem ao falar que acordos econômicos têm que representar o que é melhor para as pessoas.

3.3 Outros temas

Outros temas foram tratados tanto no debate quanto na Agenda 2030, mas não são temas de política externa e sim assuntos internos. Entre eles se encontram o acesso à saúde, a educação, a igualdade de gênero, o emprego e o combate à desigualdade.

A Agenda na área da saúde destaca a promoção da saúde mental, o tratamento e a prevenção do abuso de drogas lícitas e ilícitas, o acesso universal à saúde reprodutiva e a cobertura universal de saúde a preços acessíveis, entre outros.

No debate do dia 14 de janeiro, Sanders defendeu a sua proposta para a saúde, o *Medicare for all*, que propõe um sistema de saúde único e público e que foi criticado por não ter um custo estimado claro. Para Sanders, a saúde é um direito humano e ele lembrou o público que os americanos gastam mais com saúde que os nacionais de outros países desenvolvidos. Biden e Klobuchar propõem a expansão e melhoria do programa implementado pelo ex-presidente Obama, incluído uma opção pública, e foram os únicos que muito brevemente mencionaram saúde mental. Warren, Biden e Klobuchar falaram em reduzir os custos de remédios, mas a primeira acredita que planos mais ambiciosos são necessários. Como bem resumiu Steyer, todos os presentes nesse debate concordam que cuidados de saúde deveriam ser acessíveis a todos os

americanos. Eles parecem concordar também com algum tipo de taxaço para ricos e grandes corporações.

O plano de Sanders para a saúde continuou a ser criticado no segundo debate do ano. Biden falou na dificuldade de aprovar o plano e no possível aumento de impostos da classe média para pagá-lo. Klobuchar falou que o fato das pessoas terem que deixar seu atuais planos de saúde faria a proposta de Sanders perder o apoio do Senado. Sanders defendeu que o seu plano ajudaria as pessoas financeiramente porque diminuiria os gastos com saúde, que são muito maiores que um possível futuro imposto. Sanders defende que a saúde não deve ser usada para obtenção de lucros. Warren amenizou a diferença entre os candidatos afirmando que todos eles defendem a expansão da assistência à saúde e levá-la para todos os americanos.

Sobre a questão das drogas parece haver um consenso dos candidatos de que elas não são um problema de justiça criminal, mas de saúde e que usuários precisam de tratamento. Buttigieg defendeu que a prisão não é uma solução para posse de drogas e responsabilizou a irresponsabilidade da indústria que os produz ao problema dos opióides. Yang, além de culpar a indústria, falou em centros de tratamento obrigatórios, também defendidos por Biden.

No debate do dia 19 de fevereiro, não foi só o plano de Sanders que foi criticado. Warren disse que o que Klobuchar e Buttigieg tem não são planos, mas posts e PowerPoint slides, respectivamente. Klobuchar defendeu o seu plano que é expandir o que o ex-presidente Obama implementou (o *Affordable Care Act*, também chamado de *Obamacare*) e oferecer uma opção pública. Essa também parece ser a proposta defendida por Bloomberg. Biden falou que o que eles estavam propondo era uma ideia dele, expandir o *Obamacare*, incluir uma opção pública e pagar taxando os ricos. Sanders culpou a indústria de saúde pelos problemas enfrentados pelos Estado Unidos.

De acordo Sanders em 25 de fevereiro, um estudo feito pela Yale University concluiu que o *Medicare for all* diminuiria os custos do país com assistência médica em 450 bilhões de dólares por ano e salvaria a vida de 68.000 pessoas. Segundo Klobuchar, as contas de Sanders não parecem estar certas e os custo do dito plano seria de 3 vezes a economia dos Estados Unidos. Para além desse debate constante sobre o

custo do plano de Sanders, Klobuchar falou em incentivos para médicos irem para as áreas rurais. O mesmo defendeu Sanders, que mencionou saúde mental.

Nesse debate foi a primeira vez que os candidatos falaram sobre o coronavírus, que seria amplamente discutido em março. Os candidatos de modo geral falaram de investimento na agência que cuida do controle de doenças no país (o CDC) e criticaram as ações do Trump. Klobuchar falou em deixar os Americanos que viessem de outros países de quarentena, que os Estados Unidos não fizeram investimentos suficientes na Organização Mundial da Saúde (OMS) e que para estarem preparados para a próxima pandemia deveriam fazer investimentos em educação.

Um outro tema que foi discutido, relacionando saúde e desigualdade social e racial, foram as drogas. Sanders defendeu a legalização da maconha e a descriminalização da posse de drogas. Ele falou também que muito do problema do sistema criminal tem a ver com as drogas e que incentivaria as minorias a começarem negócios para a venda de maconha. Klobuchar também falou em legalizar a maconha e lembrou a necessidade de tratamento para os usuários de drogas. Bloomberg defendeu que a posse não deveria ser um crime, mas disse que é necessário ouvir a ciência antes de decidir sobre a legalização da maconha. Klobuchar, Bloomberg e Sanders defenderam, cada um de uma maneira diferente, limpar a ficha criminal dos usuários de drogas.

Na área da educação, a agenda estabelece como meta, entre outras, a igualdade de acesso à educação em ambientes seguros, inclusive ao nível superior a preços acessíveis.

O tema da educação surgiu no debate de 14 janeiro quando os candidatos discutiam se creches para a primeira infância deveriam ser públicas e acessíveis a todos. Segundo Buttigieg é necessário subsidiá-las, por elas serem um dos motivos, em meio a vários outros, que causam desigualdades salariais entre homens e mulheres. Warren destacou que a falta de creches tira mulheres do caminho do sucesso e defendeu que sejam quase inteiramente gratuitas. Sanders defendeu que todos os níveis de educação sejam gratuitos, de boa qualidade e para todos. Warren propôs universidades públicas para todos e Buttigieg o mesmo, mas para quase todos, menos os filhos dos ricos. Klobuchar e Steyer lembraram que economia e educação estão

intimamente ligados, a primeira falou em investir em cursos técnicos de nível superior e o segundo em distribuição de renda.

Em 25 de fevereiro, Warren falou em aumentar os salários dos professores e em investir nas escolas públicas. Sanders disse que é importante mudar as prioridades, defendeu também o aumento dos salários e educação pública e sem custos de modo geral. Buttigieg falou que não há apoio a saúde mental suficiente para as crianças e em apoiar os professores.

A igualdade de gênero é defendida por toda a agenda, que não só defende o fim de qualquer tipo de discriminação, mas o fim da violência contra as mulheres e a participação delas na vida política.

No primeiro debate de 2020, sobre esse tema a única discussão foi sobre se uma mulher poderia ser eleita presidente. A discussão foi motivada por uma reportagem que dizia que Sanders aparentemente teria dito que não. Ele negou as acusações.

No debate de 7 de fevereiro, em uma pergunta sobre a política de controle de armas, Warren falou que essa é uma questão que perpassa a violência doméstica e que um controle maior ao acesso a armas de fogo não passa no Congresso devido à corrupção. Neste debate falou-se também sobre aborto e sobre o direito de escolha das mulheres com o qual todos concordam. Parecem concordar também que esse direito seja assegurado em lei.

Em 19 de fevereiro, Warren acusou Bloomberg de discriminação de gênero e assédio, falando que várias mulheres da empresa dele tinham assinado termos de confidencialidade. Ela e o Biden o desafiaram a liberar as mulheres desses acordos para que pudessem contar suas versões da história. Bloomberg se defendeu falando que sua empresa foi premiada como o segundo melhor local para se trabalhar no país e que talvez as mulheres que o acusaram não tenham gostado de alguma piada que ele contou. Warren o pressionou de novo no debate seguinte em 25 de fevereiro, quando ele falou que ele estava errado de ter feito tal piadas das quais ele diz não se lembrar e disse ter encerrado todos os acordos do tipo dois dias após o debate anterior.

A geração de empregos é essencial tanto para o desenvolvimento sustentável tanto quanto para os candidatos.

Segundo Yang, no segundo debate de 2020, a tecnologia está ficando mais forte e mais poderosa e é capaz de fazer o trabalho de milhares de pessoas. Ele afirmou que esse modelo em que o vencedor leva tudo não funciona mais e que é necessário desvincular valor econômico de valor humano. No mesmo debate, Buttigieg defendeu que o crescimento da renda deveria ser a medida usada para avaliar o crescimento da economia e, assim como Sanders, que o salário mínimo deveria ser elevado e os ricos e as corporações taxados.

A inclusão social, econômica e política de todos é meta do Objetivo 10 da Agenda 2030, assim como a progressiva redução da desigualdade.

A questões raciais foram trazidas a debate na noite de 7 de fevereiro por Steyer, que falou na necessidade de lidar com essas questões de forma explícita e que nos Estados Unidos existe um racismo estrutural. Ele falou também em reparações históricas. Buttigieg também falou que existe um racismo estrutural que permeia todas as políticas e de acordo com Sanders também o sistema criminal. Este último defendeu uma reestruturação desse sistema, a elaboração de leis mais conscientes a essa questão, e em oportunidade de educação, emprego e empreendedorismo. Biden falou em investir no empreendedorismo das minorias raciais e em aumentar o investimento em educação em tempo integral. Warren também falou em investimentos em educação.

Klobuchar falou em soluções econômicas e em como a discriminação em relação a eleitores que são impedidos de se registrar. Ela e Biden defenderam o registro automático de eleitores ao se completar 18 anos. Yang disse que a tendência é piorar a desigualdade social e que é necessário garantir a todos um aporte financeiro.

Em 19 de fevereiro, Biden defendeu em não sobretaxar pequenos negócios, posição também defendida por Buttigieg, em disponibilizar mais financiamentos e em aumentar os impostos para os ricos. Warren falou sobre a dificuldade para abrir um negócio e Bloomberg também se mostrou preocupado com os pequenos negócios. Todos se mostraram contra a prática do *redlining* (recusar um empréstimo ou seguro devido a região onde a pessoa mora).

Sanders disse que a distribuição de renda no Estado Unidos é imoral. Ele falou que o Sistema político americano é corrupto e que é absurdo que os ricos por vezes paguem menos impostos. Sanders propõe com orgulho a sua proposta que os funcionários se tornem com o tempo donos de 20% das empresas onde trabalham.

Bloomberg não gosta dessa ideia e implicitamente chamou Sanders de comunista, ele defende, porém, um aumento de impostos para grandes riquezas. Buttigieg acha a ideia de Sanders boa, mas acha Sanders um pouco radical. Buttigieg defendeu investimentos para que as pessoas pudessem viver o *American Dream* e dar voz para as comunidades que não são ouvidas. Warren focou novamente no acesso à educação, nas dívidas estudantis e na sua proposta de aumento de impostos para ricos. Biden falou que o que devia ser recompensado é o trabalho e não a riqueza.

No debate de 25 de fevereiro, Sanders falou que a economia ia bem para o 1% mais rico. Steyer falou em quebrar o bastião das corporações, em duplicar o salário mínimo, em corte de impostos, em criar bons empregos sindicalizados e em fazer a economia trabalhar para as pessoas.

Bloomberg foi acusado de racismo por causa da política do *stop-and-frisk* (permissão para a polícia deter um suspeito baseada em suspeita razoável) usada enquanto ele era prefeito de Nova York e que teria atingido as comunidades negras e latinas de forma desproporcional. Buttigieg disse que ele teve problemas de racismo quando foi prefeito, mas que teve humildade de assumir esses problemas. Bloomberg se defendeu dizendo que melhorou a educação, aumentou o emprego e o acesso a habitação. Klobuchar pediu que parassem de focar no passado e que é necessário corrigir o racismo no sistema criminal, dar oportunidades iguais, aumentar o acesso a moradia e, assim como Buttigieg lembrou que todos têm que ter a chance de votar. Biden defendeu financiar empreendedores das minorias, dar dedução fiscal para a compra de moradias e em lidar com o racismo institucional.

Warren defendeu em 25 de fevereiro a retirada das tropas americanas do Oriente Médio, agora deixando claro que isso não incluiria as forças especiais. Segundo ela, eles não estão ganhando. Ela também disse que é mais importante ajuda humanitária do que intervenção militar. Bloomberg propôs diminuir as tropas e disse que é necessário separar amigos de ditadores e combater o terrorismo.

Ao serem perguntados diretamente, todos afirmaram que não deixariam empresas chinesas construírem infraestruturas estratégicas. Bloomberg falou que é necessário colaborar com a China, mas que ela precisa seguir as regras. O mesmo falou Biden.

Sobre a mudança da embaixada americana para Jerusalém, Sanders falou que consideraria devolvê-la a Tel Aviv, que um racista governa Israel e que devem proteger a independência de Israel sem ignorar o sofrimento dos Palestinos. Bloomberg disse que manteria a embaixada e que o território em disputa deveria ser dividido entre Palestinos e Israelenses e que os dois países precisam estar envolvidos. Warren disse que Israel tem direito a segurança e os Palestinos à autodeterminação, e que eles deveriam negociar entre eles.

Klobuchar disse que se encontraria com o líder norte-coreano, mas não como fez Trump. Biden falou que não se negocia com um ditador e se dá legitimidade para o seu regime. Ele falou em se aliar ao Japão e à Coreia do Sul e em negociar com a China. Buttigieg falou que é necessário mudar a balança de poder na região.

4 Conclusão

A Agenda diz que com o documento os países estão criando juntos “um caminho rumo ao desenvolvimento sustentável, nos dedicando coletivamente à busca do desenvolvimento global e da cooperação vantajosa para todos, que podem trazer enormes ganhos para todos os países e todas as partes do mundo”. Como o presidente americano tem grande influência na definição da agenda global e no sistema global como um todo, ele é parte essencial para que isso se concretize.

Parece haver um consenso mínimo entre os pré-candidatos, que aceitam a gravidade da questão do clima e não negam os dados científicos. Mesmo que discordem sobre quando, todos têm como meta tornar os Estados Unidos carbono neutro em algum momento antes de 2050. Além disso, todos apoiam o Acordo de Paris.

Todos eles parecem se preocupar com o respeito mínimo aos direitos humanos e que a diplomacia é o melhor caminho para a paz. Eles, porém, pouco falaram sobre imigrantes e refugiados.

O comércio internacional, quando discutido, foram apenas discussões sobre atuais ou possíveis acordos internacionais. A economia americana foi também associada a quase todos os temas, se preocupando, os pré-candidatos, em demonstrar os impactos econômicos de todas as medidas propostas.

A saúde talvez tenha o sido mais discutido e o que aparentemente é um assunto mais de política interna, pode se tornar uma questão de importância global nos meses seguintes aos debates devido ao avanço do novo coronavírus.

O que esse trabalho observou é que se o próximo presidente for do Partido Democrata, ele provavelmente se comprometerá a atingir os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. É necessário lembrar, no entanto, que concorrer a presidente é muitas vezes prometer alcançar a lua e mesmo a vitória do partido democrático não garante que nenhuma dessas políticas será implementada.

5 Referências Bibliográficas

5.1 ABC News. “Democratic Presidential Candidates Debate in New Hampshire”. [Acessado em 13/03/2020]. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=_JCTY6MxJ4I >.

5.2 BATALOVA, Jeanne; BLIZZARD, Brittany; BOLTER, Jessica. Frequently Requested Statistics on Immigrants and Immigration in the United States. Migration Information Source, 14 fev. 2020. Disponível em: < <https://www.migrationpolicy.org/article/frequently-requested-statistics-immigrants-and-immigration-united-states#Naturalization%20Trends> >. Acesso em: 14 mar. 2020.

5.3 BURCHILL, Scott et al. *Theories of international relations*. 5ª ed. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

5.4 BURNS, William J. Assessing the Role of the United States in the World. Carnegie Endowment for International Peace, 27 fev. 2019. Disponível em: < <https://carnegieendowment.org/2019/02/27/assessing-role-of-united-states-in-world-pub-78465> >. Acesso em: 14 mar. 2020.

5.5 CAI , Weiyi; COLLINS, Keith; Leatherby, Lauren. Which Candidates Got the Most Speaking Time in the Democratic Debate. New York Times, 25 fev. 2020.

Disponível em: <
<https://www.nytimes.com/interactive/2020/02/25/us/elections/debate-speaking-time.html>>. Acesso em: 14 mar. 2020.

5.6 CBS News. “South Carolina Democratic debate”. [Acessado em 13/03/2020]. Disponível em: <
https://www.youtube.com/watch?v=kIDbFuxmXrA&feature=emb_logo>.

5.7 CNN. "CNN/Des Moines Register Democratic debate, por Erika Ryan". [Acessado em 13/03/2020]. Disponível em: < <https://edition.cnn.com/2020/01/15/app-news-section/watch-full-cnn-des-moines-register-democratic-debate/index.html> >.

5.8 DARCY, Oliver. Monster ratings for Las Vegas debate break record for Democratic Party. CNN News, 20 fev. 2020. Disponível em: < <https://edition.cnn.com/2020/02/20/media/democratic-debate-ratings-las-vegas/index.html>>. Acesso em: 14 mar. 2020.

5.9 Democratic National Comitee (DNC). “DNC Announces Details For Seventh Democratic Presidential Primary Debate”, 20 dez. 2019. Disponível em: < <https://democrats.org/news/dnc-announces-details-for-seventh-democratic-presidential-primary-debate/>>. Acesso em: 14 mar. 2020.

5.10 Democratic National Comitee (DNC). “DNC Announces Qualification Criteria For New Hampshire Democratic Presidential Primary Debate”, 17 jan. 2020. Disponível em: < <https://democrats.org/news/dnc-announces-qualification-criteria-for-new-hampshire-democratic-presidential-primary-debate/> > Acesso em: 14 mar. 2020.

5.11 Democratic National Comitee (DNC). “DNC Announces Qualification Criteria For Nevada Democratic Presidential Primary Debate”, 31 jan. 2020. Disponível em: < <https://democrats.org/news/dnc-announces-qualification-criteria-for-nevada-democratic-presidential-primary-debate/> > Acesso em: 14 mar. 2020.

- 5.12 Democratic National Committee (DNC). “DNC Announces Qualification Criteria For South Carolina Democratic Presidential Primary Debate”, 15 fev. 2020. Disponível em: < <https://democrats.org/news/dnc-announces-qualification-criteria-for-south-carolina-democratic-presidential-primary-debate/> > Acesso em: 14 mar. 2020.
- 5.13 Donor Tracker. “United States donor profile”. [Acessado em 13/03/2020]. Disponível em: < <https://donortracker.org/country/united-states> >.
- 5.14 DUARTE, Paulo. Um mundo ‘Uni-Multipolar’. *Revista Mundorama*, 30 ago. 2013. Disponível em < <https://mundorama.net/?p=11519> > Acesso em: 15 mar. 2020.
- 5.15 ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. United States Constitution. Disponível em <<https://constitutionus.com/>> Acesso em:30 abr. 2020
- 5.16 JATOBÁ, Daniel (2013). Teoria das Relações Internacionais. São Paulo: Ed. Saraiva.
- 5.17 KALTENBORN, Markus; KUHN, Heike. Acceptance, not enforcement. *D+C Development and Cooperation*, Bonn, 06 abr. 2017. Disponível em: < <https://www.dandc.eu/en/article/2030-agenda-largely-reflects-and-reinforces-existing-international-law> >. Acesso em: 02 mar. 2020.
- 5.18 KARSON, Kendall. ABC News announces moderators for February Democratic debate. ABC News, 22 jan. 2020. Disponível em: < <https://abcnews.go.com/Politics/dnc-outlines-qualifying-criteria-abc-news-debate-adds/story?id=68337999> >. Acesso em: 14 mar. 2020.
- 5.19 KEOHANE, R. O; NYE, J. Power and Interdependence: World Politics in Transition. Boston: Little Brown, 1977.

- 5.20 KOSE, M. Ayhan; LAKATOS, Csilla; OHNSORGE, Franziska; STOCKER, Marc. 2017. "The Global Role of the U.S. Economy: Linkages, Policies and Spillovers." Policy Research Working Paper no. 7962. World Bank: Washington, DC.
- 5.21 LEONE, Faye. U.S. 2030 Agenda Testing Multilateralism: States Discuss UN75 Declaration. *SDG Knowledge Hub*, 27 fev. 2020. Disponível em < <https://sdg.iisd.org/news/2030-agenda-testing-multilateralism-states-discuss-un75-declaration/>> Acesso em: 29 fev. 2020.
- 5.22 MASTERS, Jonathan. U.S. Foreign Policy Powers: Congress and the President. Council on Foreign Affairs, mar 2017. Disponível em: <<https://www.cfr.org/backgrounders/us-foreign-policy-powers-congress-and-president>>. Acesso em: 18 ago. 2019.
- 5.23 MONTELLARO, Zach; GOLDENBERG, Sally; CADELAGO, Christopher. DNC overhauls debate requirements, opening door for Bloomberg. *Politico*, 31 jan. 2020. Disponível em: < <https://www.politico.com/news/2020/01/31/dnc-shifts-debate-requirements-opening-door-for-bloomberg-110017> >. Acesso em: 14 mar. 2020.
- 5.24 NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL- ONU BR. A Agenda 2030. Disponível em : <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>> . Acesso em: 02 mar. 2020.
- 5.25 NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL - ONU BR. 17 Objetivos para transformar o mundo. Disponível:<<https://nacoesunidas.org/pos2015/>>. Acesso em: 02 mar. 2020.
- 5.26 NBC News. “NBC News/MSNBC Democratic Debate”. [Acessado em 13/03/2020]. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=TZkV0ISxcQY> >.

- 5.27 REZEK, Francisco. *Direito Internacional Público: curso elementar*. São Paulo: Saraiva, 2018.
- 5.28 U.S. NATIONAL STATISTICS FOR THE U.N. SUSTAINABLE DEVELOPMENT GOALS. Disponível em < <https://sdg.data.gov/>> Acesso em: 29 fev. 2020
- 5.29 VIOLA, Eduardo. (2002), “O regime internacional de mudança climática e o Brasil”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17 (50): 25-46.
- 5.30 WEISSMAN, Stephen R. Congress and War: How the House and the Senate Can Reclaim Their Role. *Foreign Affairs*, jan. 2017. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2016-12-12/congress-and-war>>. Acesso em: 18 ago. 2019.
- 5.31 WYNE, Ali. What role will the United States play in the world? *World Economic Forum*, 16 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.weforum.org/agenda/2018/04/what-role-the-united-states/>>. Acesso em: 14 mar. 2020.